

# Seara Cristã



**nº44** / Janeiro a Março de 2013

Boletim da União das Igrejas Evangélicas  
Congregacionais Portuguesas

**Jesus vai ao  
encontro da cruz**  
Pr. Daniel S. S. Calado  
*(Pág. 2)*

**Crente social,  
a que preço?**  
Ana Cabral  
*(Pág. 6)*

**Cuidado ao fazer  
a obra de Deus**  
Pr. Vanderli Carreiro  
*(Pág. 7)*

# Editorial

Pr. Daniel S. S. Calado

Já muitos artigos sobre o significado, ou o relato dos acontecimentos e respetivas aplicações sobre a Páscoa, saíram nas páginas desta já longa existência do nosso boletim Seara Cristã.

Desta vez a abordagem é um tanto diferente. A ênfase dada é com o intuito de fazer pensar sobre "o grande amor com que Cristo nos amou." O preço da ressurreição de todos nós, através da de Cristo, foi muito alto. Foi necessária uma enorme coragem e determinação, dentro de um esquema desenhado pe-

la Trindade e cumprido em absoluta obediência pelo Filho.

Num outro artigo, em forma de estudo bíblico, há uma chamada de atenção para os prudentes cuidados que o cren-te deve ter quando lida com os elementos sagrados, com a obra de Deus. A leviandade, irreverência, ou desobediência a Deus, querendo fazer as coisas cada um à sua maneira, sem atender que Ele é quem deve dirigir todas as coisas, podem trazer consequências muito pesadas, mesmo dramáticas.

Outros motivos de interesse são as notícias das igrejas, ou até mesmo a "ressurreição" de um cântico já muito antigo.

A equipa do Seara Cristã, deseja a todos os queridos leitores uma Páscoa muito abençoada, em que cada um saiba erguer aos céus, mãos de fervente gratidão, em reconhecimento pela gloriosa obra de nosso amado Salvador Jesus Cristo em prol dos Seus. Amém.

## Artigo



# Jesus vai ao encontro da cruz

Pr. Daniel S. S. Calado

"Aconteceu que, tendo chegado o tempo da Sua ressurreição, mostrou Ele, então, um semblante intrépido e resolutivo para ir a Jerusalém". (Lc. 9. 5). Coragem, determinação e conformidade.

Seja-me permitido trazer aqui uma notícia pessoal, que se relaciona com o

nosso tema. Apesar da forte gripe que me tem afetado (também já tinha passado por miúdos e graúdos de toda a família, não é!), e de ontem ter ficado ainda mais debilitado, devido a algo que comi que não estaria em condições, pensei em não adiar mais o envio do boletim para ser publicado. Dei uns

retoques e fui para o culto doméstico. Ao voltar, abro o tablet e, logo a seguir, o que me havia de acontecer? Apagou tudo, exceto o artigo do Pr. Vanderli, que era o único que poderia apagar, porque o poderia ir sempre buscar ao e-mail que me enviou. Tudo o que tinha preparado com amor, sumiu, isto ape-

sar de ir guardando sempre o que escrevia (realmente não dá para entender...). Como acham que fiquei? Muito desanimado inicialmente, porque depois deste esforço e sacrifício, pelas circunstâncias, tenho, agora, que começar tudo de novo!... Recalcitrei, lamuriamento, um pouco com Deus, porque inclusive, tínhamos acabado de pedir nas nossas orações (minha e da Fátima), que o Senhor abençoasse este trabalho. Porém, lembrei-me que eu tinha escrito algo lá para o final deste mesmo título, que dizia mais ou menos isto: "Seremos nós capazes de seguir o exemplo máximo de Jesus, o nosso padrão perfeito, quanto à coragem, determinação e conformidade que é necessário ter por vezes na vida, face a sofrimentos e adversidades?"

*"Aconteceu que, tendo chegado o tempo da Sua ressurreição, mostrou Ele, então, um semblante intrépido e resolutivo para ir a Jerusalém."* Lucas 9.5

Por exemplo, Vasco da Gama, há mais de quinhentos anos, partiu com a sua armada rumo à descoberta do caminho marítimo para a Índia e conquista de novos territórios. Um grande número de gente se reuniu no areal da praia, com os olhos avermelhados e os rostos cobertos de lágrimas, porque não sabiam se voltariam a ver os tripulantes das naus. Mas isso não os afetou: o sinal de partida foi dado e eles, pouco depois, desapareceram no horizonte. O poeta espanhol Luiz Ponce de Leon, distinto professor, foi retirado do seu magistério e levado para a prisão pela "Santa Inquisição" (santa?), por ter traduzido parte da Bíblia para o espanhol, há cerca de quatrocentos e cinquenta anos atrás. Quando cinco anos depois foi solto e voltou ao ensino, as palavras no início da primeira aula foram: "...como íamos dizendo...". Nada tinha mudado na sua atitude. A sua determi-

nação de continuar fiel a Deus, era a mesma. Retratar-se era algo que não fazia parte das suas intenções.

Porém, tenhamos em mente que todo e qualquer feito humano em que posamos pensar, nada é comparável à grandeza que envolve a cruz. No ministério de Jesus e de apresentar uma mensagem inconfundível e impossível de contrariar com sucesso. Doença, ressuscitar mortos, até mostrar domínio absoluto sobre os elementos da natureza, assim como deixar opositores à Sua doutrina sem resposta, envergonhados ou raivosos, pela força e verdade que enformavam a Sua mensagem, tudo demonstra a Sua divindade, para realizar tudo isto em Seu próprio nome. Contudo, o contraste disto com os momentos que se seguem ao nosso texto, é flagrante e profundo. Tirando uns escassos momentos, como a orelha do Malco cortada pela espada do impetuoso Pedro, que foi colocada de novo no lugar, ou os que foram ao jardim para prender o Senhor, terem caído duas vezes por terra, ou o galo que cantou no triste episódio da negação de Jesus por parte de Pedro, pouco mais há para referir nesse sentido.

*"Porém, tenhamos em mente que todo e qualquer feito humano em que posamos pensar, nada é comparável à grandeza que envolve a cruz."*

Onde está agora o Seu poder? Seria mesmo Jesus que ali estava ou seria algum sócia Seu? Nada disso! Tampouco se tratou de nenhum melodrama. Tudo foi dolorosamente real. Era Ele mesmo, com completa determinação e conformidade com a vontade do Pai, não passiva, mas ativa, movida por um amor tal, que a coragem necessária para realizar o obra da salvação, o levou a cumprir o castigo substitutivo em nosso lugar. Todas as bocas do inferno se

abriram, todas as hostes satânicas se ajuntaram no campo de batalha sobre o monte Calvário. Mas Jesus ressuscitou ao terceiro dia: "Onde está, ó morte, o teu aguilhão?", "tragada foi a morte na vitória!"

*"Tudo foi dolorosamente real. Era Ele mesmo, com completa determinação e conformidade com a vontade do Pai, não passiva, mas ativa, movida por um amor tal..."*

## Seara Cristã

nº44

Janeiro a Março de 2013

Boletim da União das Igrejas Evangélicas Congregacionais Portuguesas

Departamento de Imprensa e Cultura

Editor

Pr. Daniel S. S. Calado

Distribuição

Pr. Vanderli Carreiro

Impressão

Impriponete

Design

Rui Cabral

Endereço

Rua Vaz Monteiro, 63  
7400-281 Ponte de Sor



Participantes do culto comemorativo do 79º aniversário do início do trabalho e 14º aniversário do templo da Missão da Tramaga, a 23 de Fevereiro de 2013.

## Aniversário da Missão da Tramaga

Pr. Vanderli Carreiro

Como acontece anualmente, comemoramos mais um aniversário da Missão da Tramaga. A abertura desta Missão deu-se em 1934, pelo Pb. José Marques Calado. Foi sempre uma das mais frequentadas, com uma assistência média de cinquenta a sessenta pessoas, durante várias décadas.

Inicialmente, as reuniões eram realizadas no lar do casal Moisés Matias e Carlota Florêncio, servos dedicados ao Senhor, cujo testemunho, durante várias décadas, teve um papel muito importante no desenvolvimento do trabalho. Em 1971, alugou-se um bom salão à entrada da povoação, onde as reuniões realizaram-se durante mais de vinte anos. Devido à morte do proprietário e requisição da propriedade pelos herdeiros, na década de noventa, durante alguns anos, as reuniões ocorreram na casa da irmã Maria José Filipe, em Água de Todo o Ano. Mais tarde a Igreja de Ponte de Sor adquiriu um terreno no centro da aldeia para a construção de um templo próprio, inaugurado a 12 de Fevereiro de 1999. O orador na ocasião foi o Pr. Oswaldo Carreiro Filho, o impulsor do projeto, enquanto pastor da IEC Pontessorense.

Devido a esta última referência histó-

rica, a cada quarto fim-de-semana do mês de Fevereiro realiza-se um culto de gratidão pela existência e construção do templo da Missão da Tramaga. Este ano ocorreu no dia 23. Comemoramos, então, o 79º aniversário da abertura do trabalho e o 14º aniversário de inauguração do templo.

Estiveram presentes no referido culto, além dos representantes da Igreja Congregacional Pontessorense e os frequentadores da Missão, alguns visitantes da localidade e dois irmãos que representaram a IEC de Paio Pires, um dos quais o Pr. Daniel Calado. Alguns irmãos justificaram a sua ausência, por motivo de enfermidade, entre os quais o Pr. Jorge Campos, da Congregação de Montargil, e o Pb. Joel Santos, da 1ª IEC de Lisboa (Chelas).

Foi o pregador na ocasião o Pr. Vítor Manuel Ramos Biscaia, obreiro da MCE em Mora, que esteve acompanhado da sua esposa, a Ir. Maria José (mais conhecida por Bia). O Pr. Vítor baseou a mensagem da Palavra de Deus nas metáforas usadas por Jesus para definir a função dos seus discípulos sal e luz conforme Mateus 5.13-16. Apelou aos ouvintes que atentassem para a impor-

tância de exercerem a devida influência no mundo que os cerca.

Atualmente são realizadas as reuniões dominicais e uma reunião semanal nesta Missão. O atual pastor, com a cooperação dos obreiros leigos da Igreja-mãe, dão a assistência espiritual ao rebanho que lá congrega, hoje em número bem menor que nos tempos áureos do começo do trabalho, mas que justifica plenamente a sua continuidade, e oferece perspectivas de crescimento. Damos graças a Deus pela vida e empenho dos fiéis irmãos que hoje mantêm acesa a luz do Evangelho na Tramaga.

Após o culto de gratidão, os abnegados irmãos da Missão ofereceram uma farta mesa para o tradicional Convívio com as iguarias dos alentejanos.

*(Observação: As notas históricas foram extraídas da obra do Dr. Paulo Calado, "A Obra Evangélica Congregacional em Portugal")*



Grupo de crianças que participaram na "Festa do CarNÃOval", na Igreja Evangélica Congregacional de Ponte de Sor, a 8 de Fevereiro de 2013.

## A festa do CarNÃOval em Ponte de Sor

Ana Cabral

No dia 8 de Fevereiro a Igreja Evangélica Congregacional de Ponte de Sor organizou um dia de actividades para as crianças que frequentam as aulas de Educação Moral e Religiosa Evangélica, como alternativa às celebrações de Carnaval organizadas pelas escolas.

Designada "Festa do CarNÃOval", foi um dia intenso de actividades diversas especialmente preparadas para as 39 crianças presentes. Uma equipa de irmãs encarregou-se da alimentação enquanto outra equipa mais jovem dinamizou o grupo. Tudo foi pensado para

proporcionar um dia diferente e também para consciencializar as crianças do real significado do Carnaval. Damos graças a Deus por tudo ter corrido bem e pedimos que este dia não seja esquecido nas suas mentes, mas que as mesmas possam dar fruto.

## Hino "ressuscitado"

Pr. Daniel S. S. Calado

Foi com grande surpresa minha que, ao cantar apenas três vezes este hino antigo em igrejas há pouco tempo atrás, do qual já nem me lembrava bem da letra, vi muitas pessoas a me pedirem que lhes fornecesse a letra do mesmo. Na verdade, acontece até que, muitos anos depois de o deixarmos de cantar nas nossas igrejas, apareceu um padre brasileiro, Marcelo, a cantá-lo com grande sucesso.

Como estamos em época de Páscoa, daí o título de "ressuscitado", em vez de ressurgido. Deste modo, creio que encontrei o modo mais fácil de satisfa-

zer a todos que me fizeram o pedido, visto que só consegui fazê-lo por correio eletrónico para alguns. Nos anos 50 e 60 costumavam passar cantores pelas igrejas a cantarem este hino, com o estilo, popular latinoamericano inconfundível.

*"Segura na mão de Deus"*

*Se as águas do mar da vida  
quiserem te afogar,  
segura na mão de Deus e vai;  
Se as tristezas desta vida quiserem te  
sufocar, segura na mão de Deus e vai.*

*Segura na mão de Deus,  
segura na mão de Deus!  
Pois ela, ela te sustentará.  
Não temas segue adiante e  
não olhes para trás.  
Segura na mão de Deus e vai!*

*Se a jornada é pesada  
e te cansas da caminhada,  
segura na mão de Deus e vai.  
Jesus Cristo te prometeu que  
jamais te deixará,  
segura na mão de Deus e vai.*

*O Espírito do Senhor  
sempre te revestirá,  
segura na mão de Deus e vai.  
Orando, jejuando, confiando  
e confessando,  
segura na mão de Deus e vai!*

## Café ConSERTO em Chelas

João Santos

No dia 16 de Março tivemos mais um Café ConSERTO realizado na nossa igreja e desta vez convidámos o grupo musical Marcos Best Band, um grupo de rap que através da sua música e letras conseguem passar uma mensagem de esperança, falando aos outros de Jesus Cristo. Este convívio teve como propósito dar oportunidades a jovens do bairro de consertarem a sua vida através da mensagem do Evangelho que foi divulgada através das várias participações que tivemos ao longo da noite. Tivemos cerca de 140 pessoas, entre elas cerca de 40 a 50 jovens do bairro do Condado, Zona J de Chelas, onde se situa a nossa igreja. Contámos também com a presença de jovens de várias igrejas (Ponte de Sor, Seixal, Alto do Moinho e União Bíblica) e muitos jovens e famílias descrentes que aceitaram o convite e ali estiveram. Todo o evento superou em muito as nossas expectativas, vimos entrar pela Casa do Senhor muitos jovens do bairro que nunca lá tinham entrado.

## Dia da Família

No dia 1 de Maio teremos o “Dia da Família”, organizado pelo Departamento de Missões da UIECP, na igreja em Chelas. Teremos como oradores a irmã Bertina Tomé (da revista Mulher Criativa), o esposo Abel Tomé e o casal Iolanda e Oseas Melo. Tal como o nome indica, este dia é para toda a família e as palestras também, desde os adolescentes até adultos. Inscrevam-se com os líderes das vossas igrejas. Para mais informações ver na página: [www.facebook.com/1iecl](http://www.facebook.com/1iecl)

## Crente social, a que preço?

Ana Cabral

Viver em sociedade faz parte de todos nós. O próprio Deus é um ser social. Na génese da criação, não o encontramos sozinho (“*Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança*” Gn 1:26a) e após a criação do homem, constatou que bom era que ele não estivesse só, tendo-lhe dado uma companheira (“*Disse mais o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só*” Gn 2:18a). Ao longo da história do homem, somos exortados a viver em comunidade, a saber viver em comunidade, a fazer o bem a todos mas em primeiro lugar à comunidade cristã (“*Por isso, enquanto tivermos oportunidade, façamos o bem a todos mas principalmente aos da família da fé.*” Gl 6:10), somos encorajados com exemplos preciosos da igreja primitiva (“*Todos os que creram estavam juntos, e tinham tudo em comum.*” At 2:44) mas também somos desafiados ao relacionamento com o mundo incrédulo, a ser exemplo para eles, a ser sal e luz. Hoje em dia, esse mundo ganhou uma panóplia de aliados para nos desviar do foco de ser exemplo e de testemunhar acerca de Jesus, no entanto, cruzamo-nos ao longo do ano com oportunidades-chave para que o nosso ser social impacte a sociedade onde se insere. Um aliado poderoso são as várias festividades que ocorrem durante todo o ano. Mas nós podemos olhar para elas e ver oportunidades!!

Há pouco tempo, passámos pelo “teste” do Carnaval. Enquanto grupo de jovens, aproveitámos para passar esse dia em comunhão, tendo como mote um torneio de futebol no Acampamento Bíblico do Sor (ABS). Como é que, como crentes, costumamos passar esse dia? A ver desfiles? A deslocar-se a desfiles? Como é que os filhos dos crentes passaram o último dia de aulas? Num desfile de carnaval das escolas? Mascaramos? Como é que os jovens passaram a véspera do dia de carnaval? Pregando partidas nas ruas da sua cidade? Como

é que nós, crentes, estamos a usar o social para impactar? Porventura assumimos uma postura anti-festejo, explicamos ao nosso círculo de amigos o porquê de não nos envolvermos em “partidas”? Aproveitamos a deixa para apresentar Jesus?

O nosso ano civil está cheio de oportunidades como o carnaval. Por vezes o crente adopta duas posturas: ou alinha alegando que é inofensivo, ou nem sai de casa para não ser visto. Será que nalguma destas duas formas estamos a deixar o bom cheiro de Cristo? Estamos a dar a conhece-IO mais? Seria essa a postura de Jesus no nosso lugar?

A Páscoa já espreita. São umas mini-férrias. Será que o fim-de-semana da celebração mais importante dos Cristãos é passado à beira-mar ou em festas de discotecas? Ou enchemos o imaginário dos irmãos mais novos e dos primos com histórias de coelhos e amêndoas?

*“Paremos para pensar: em certas situações, a nossa vergonha pode levar todos à perdição, mas a nossa ousadia pode ser suficiente para levar, no mínimo, uma alma à salvação!”*

Mais à frente aparecem celebrações como o Halloween... será que nos vestimos a rigor para umas belas travesuras? Ou será que explicamos às crianças da nossa família que, ao contrário do que a escola quer institucionalizar, aquela data não é bonita e a sua comemoração não agrada a Deus?

Chega o Natal e... eis o recém-adquirido hábito de encher as frentes das casas com homens de vermelho pendurados, como se de ladrões se tratassem ou adeptos de *bungee jumping*. Será que aproveitamos para oferecer algum livro para colorir, uma Bíblia, algo verdadeiramente alusivo e ilustrativo do verdadeiro sentido do Natal? Desmistificamos aos pequenos o “Pai Natal”? Aproveitamos a consoada em família e propomos dar graças pela refeição em conjunto?

Passagem do ano: ah, mas os amigos convidaram para a tal festa... E como é que é a tua postura na festa? E olha que a postura não tem só a ver com álcool e

comportamentos permissivos. A nossa postura pode fazer toda a diferença no simples facto de não comermos 12 passas nem nos pormos em cima de uma cadeira apenas apoiados no pé direito. Em decorrência disso, as pessoas que nos rodeiam vão estranhar. Em decorrência disso teremos uma excelente oportunidade para testemunhar!

Todos somos criaturas sociais. E isso não é errado. Mas será que deixámos a sociedade invadir os nossos princípios? Ou será que estamos a saber romper com os princípios da sociedade? Será que tomamos a dianteira e demonstramos publicamente o que nos desagrada, ou será que ficamos numa de “se

eles repararem e perguntarem, então eu explico”? Será que encaramos tudo como inofensivo? “Desta vez passa”? Será que em celebrações religiosas, como por exemplo, as que são alusivas a Maria, limitamo-nos a criticar, a deitar abaixo e a ridicularizar ou aproveitamos para falar aos corações daqueles que seguem essas celebrações, mostrando-lhes em amor a Verdade?

Paremos para pensar: em certas situações, a nossa vergonha pode levar todos à perdição, mas a nossa ousadia pode ser suficiente para levar, no mínimo, uma alma à salvação!

## Estudo Bíblico

# Cuidado ao fazer a obra de Deus

Pr. Vanderli Carreiro

### Introdução

Em 2 Samuel 6.1-23 encontramos um episódio estranho na história de Davi. Mas são importantes e significativos os detalhes desse acontecimento. Não se pode tratar das coisas do Senhor de qualquer maneira. Quando assim fazemos, sofremos as consequências da falta de zelo no serviço que a Ele prestamos. Davi aprendeu uma dura lição, depois de ter começado de modo errado uma tarefa simples. Até nos mínimos detalhes, o trabalho que nos confia o Senhor deve ser realizado segundo as Suas ordens, e não conforme o que achamos ser o certo. Ele não apenas ordena, mas também supervisiona toda a nossa atividade. E a Sua presença impõe exigências que, quando devidamente observadas, levam-nos ao sucesso e produzem benefícios para a obra em si e para aquele que a pratica.

### A presença do Senhor requer santidade (v. 1-10)

A arca da aliança fora levada pelos filisteus (cf. 1 Sm 4 a 7), quando Davi ainda não havia surgido na história. Mas ago-

ra era rei de Israel, e depois de estabelecer o seu governo em Jerusalém, decidiu trazer a arca para a nova capital, a fim de mostrar que Sião não era apenas a cidade onde o rei governava, mas também o lugar de adoração a Deus (v. 2), porque a arca era identificada como a Sua presença no meio do povo (cf. Nm 10.35,36). Esta era, por isso, uma missão importante, uma tarefa santa. Como foi levada a efeito?

**a. A escolha do modo de a fazer** (v. 3,4). Um exército seguiu para Baalim de Judá (ou Quiriate-Jearim) para trazer a arca, que ali estivera por quase 80 anos, desde que voltara da terra dos filisteus (cf. 1 Sm 6.21-7.2; 1 Cr 13.1-5). A distância até Jerusalém era de apenas 12 km. Escolheram um modo para transportá-la, já adotado pelos filisteus com sucesso (1Sm 6.7,8). Apenas cuidaram de fazer com que o carro de bois fosse acompanhado por dois levitas: Uzá e Aiô.

**b. As consequências da escolha errada** (v. 5-7). Havia intensa alegria durante o cortejo (v. 5). Porém, um incidente exi-

giu que a tarefa fosse interrompida. Os bois tropeçaram e Uzá, num reflexo natural, colocou a mão na arca para ampará-la. Isso não podia ser feito; era o mesmo que tocar em Deus, cuja presença a arca representava. Esse ato provocou a manifestação da santidade do Senhor. O levita havia sido irreverente (v. 7), e morreu em consequência do seu ato impensado. Somos tentados a julgar que o Senhor foi por demais severo, mas Ele agiu com coerência. A Sua santidade foi violada, quando Uzá tocou na arca, e isto custou-lhe a vida. O modo de transportar a arca estava claramente determinado na lei (cf. Ex 25.14,15; Nm 3.30,31; 4.15; 7.9) e, não fora observado. A “ira do Senhor”, que significa a vindicação da Sua santidade, manifesta-se quando o pecado é cometido (cf. Rm 1.18,19).

**c. A reação e a mudança de plano** (v. 8-10). Davi desgostou-se, “porque o Senhor irrompeu contra Uzá”, e deu àquele lugar o nome de Perez-Uzá (cujo significado é “brecha ou castigo de Uzá”). O desgosto do rei não foi dirigido con-

tra Deus, mas contra si mesmo, devido à calamidade provocada por sua falta de cuidado (v. 8). Além disso, Davi revelou o seu temor ao Senhor, pois percebeu que havia agido do seu modo, sem considerar que, para realizar a obra de Deus, é preciso fazê-lo da maneira como Ele determina. A pergunta que fez: “Como virá a mim a arca do Senhor?” era, em si, mais do que uma indagação sobre como fazer o transporte. Continua o reconhecimento do erro que havia cometido e também o medo de que a ira do Senhor viesse a se manifestar contra o seu povo e a sua nova capital. Decidiu, então, interromper o trabalho. Ao invés de seguir para Jerusalém, a arca ficou na casa de Obede-Edom, o ge-teu (um forasteiro de Gate, v. 10).

Destaca-se aqui a sensibilidade do rei. O clima resultante da morte de Uzá não era favorável à continuidade do trabalho. Seria prudente esperar e dar tempo a si mesmo para descobrir o melhor modo de realizar a tarefa.

Muitas vezes é melhor alterar o plano, do que insistir em fazer do jeito já reprovado pelo Senhor.

### **A presença do Senhor resulta em bênção** (v. 11,12a)

Por três meses a arca ficou na casa de Obede-Edom. Talvez fosse esse o tempo necessário para realizarem outros preparativos a fim de que a arca chegasse a Jerusalém.

Enquanto ela permaneceu na casa de Obede-Edom, “o Senhor o abençoou e a toda a sua casa” (v. 11). Obede-Edom era um levita porteiro, dos filhos de Coré (1 Cr 13.14; 26.1,4). Era um especialista em certo tipo de música ou instrumento musical (veja as notas em epígrafe dos Salmos 8 e 84). A bênção sobre o levita e a sua casa decorria da presença do Senhor “por amor à arca do Senhor” (v. 12).

### **A presença do Senhor renova a alegria** (v. 12b-19)

Informado de que Deus abençoara a casa de Obede-Edom, Davi voltou a insistir na volta da arca para Jerusalém (v. 12b). Fê-lo com alegria renovada, pois queria para o povo as mesmas bênçãos dispensadas à casa de Obede-Edom.

**a. A alegria de fazer do modo certo** (v. 13,14). Desta vez a lei foi observada no transporte da arca. Homens (levitas) a levavam (v. 13). Ergueram-na pelos varais que passavam pelas argolas colocadas nos seus dois lados, e lentamente caminharam em direção a Jerusalém. A cada seis passos, que depois de dados era a indicação de que o cerimonial estava certo, Davi oferecia sacrifícios (v. 13, cf. 1 Cr 15.26). Os trajes do rei eram um sinal de reverência. Ele também demonstrava a sua alegria através da dança. Seguiam-no os levitas, acompanhados do chefe Quenânias e dos cantores (v. 14, cf. 1 Cr 15.26,27).

*“... para realizar a obra de Deus, é preciso fazê-lo da maneira como Ele determina.”*

### **b. A alegria da celebração** (v. 15-23).

Não é difícil imaginar o júbilo do povo, seguindo a arca e oferecendo sacrifícios ao Senhor, numa demonstração da certeza de que agora Deus estava com eles. Realizavam uma marcha jubilosa (v. 15,16). Quando a arca chegou a Jerusalém puseram-na no lugar que já lhe havia sido preparado: uma tenda, armada por Davi. Ele trouxe holocaustos e ofertas pacíficas perante o Senhor (v.17), como reconhecimento da graça que lhes havia manifestado e do desejo de viver em paz com Ele. Depois, abençoou o povo em nome do Senhor (v.18). A alegria foi também revelada no ato de repartir. Cada um do povo recebeu alimento distribuído pelo rei, antes de seguir para a casa (v. 19).

**c. Os olhares críticos de quem fica de fora** (v. 16, 20-23). Davi não dançou para se mostrar diante do povo, e sim para demonstrar a sua alegria diante do Senhor. Mas Mical, filha de Saul e representante de um reino falido e condenado por Deus, teve duas atitudes que contrastavam com a alegria do rei e do povo. Primeiro, “desprezou (Davi) no seu coração” (v. 16). Era o sentimento de quem, por orgulho, punha-se à mar-

gem dos acontecimentos e não se deixava contagiar pelo espírito do seu marido e do seu povo. Depois, quando Davi voltou para casa, a fim de também abençoá-la, foi por ela censurado, demonstrando-lhe o seu desdém (v. 20). Comentando sobre essas atitudes de Mical, Eugene Peterson diz: “A seu ver, ele (Davi) deveria agir mais como um rei. Deveria fazer o que os outros reis faziam: ter os deuses servindo-o, cercar-se de pompa e circunstância, organizar uma religião que o fizesse parecer importante... Para Mical, Deus havia-se tornado uma amenidade social, um apoio político” (Transportando muralhas, p. 199).

Davi respondeu a sua mulher dizendo-lhe, primeiro, que se alegrava perante o Senhor e não perante os homens; depois também disse-lhe que, se o seu ato representava desprezo, muito mais se desprezaria e humilhar-se-ia aos próprios olhos, perante as filhas de Israel, porque delas seria honrado (v. 21, 22). Ao misturar-se com as servas, o rei demonstrava a sua humildade, pois pensava em si mesmo como servo do Senhor.

Em consequência do seu procedimento, Mical morreu sem gerar filhos (v. 23), o que representava uma humilhação para uma mulher israelita.

### **Aplicação:**

#### **Como devemos proceder ao serviço do Senhor?**

1. Deus exige santidade (Sl 24.3,4)
2. Deus requer dedicação (Jr 48.10; Ec 9.10).

#### **Como devemos celebrar a presença do Senhor?**

1. Com alegria (1 Ts 5.16)
2. Com humildade (Tg 4.10; 1 Pe 5.5)